

"Entre a Construção/Desconstrução da Forma/Cor"

BEUTTENMÜLLER, Alberto. Individual MNL, Galeria Livraria Letraviva, São Paulo/SP, 17 de janeiro a 17 de fevereiro. Texto escrito em dezembro de 1989.

Já se vai longínqua a polêmica entre concretos e neoconcretos, uma celeuma entre a São Paulo, industrializada, e o Rio de Janeiro sensorial, sensual. A eterna oposição Apolo-Dioniso. Vale lembrar, porém, alguns pontos dessas duas atitudes visuais diante da obra de arte contemporânea, ambas importantes e imprescindíveis para a compreensão da atual arte brasileira. A produção visual do Concretismo é, sob alguns aspectos, pouco informativa. Os concretos representam - entre o final dos anos 50 e o início dos 60 - a fase ortodoxa da penetração construtiva no país, seguida de imediato pelo experimentalismo sensorial e humanista do neoconcretismo, quando o Brasil ainda era dominado por um residual de ideias românticas, daí a imputação aos concretos de racionalistas, frios, ausentes de "inspiração". As experiências de Maurício Nogueira Lima, Waldemar Cordeiro, Hermelino Fiaminghi e Luís Sacilotto, entre outros, eram consideradas sectárias, dogmáticas. Em última análise, o Concretismo era a fase dogmática do construtivismo no país; o Neoconcretismo, a ruptura. O Concretismo implantava, o Neoconcretismo adaptava às condições brasileira o fato internacional. A polêmica teve seu fulcro em torno da linguagem plástico-visual/literária. O deslocamento do Concreto para o Neoconcreto deu-se da semiologia saxônica de Peirce e da Teoria da Informação de Norbert Wiener para a filosofia especulativa de Merleau-Ponty e Suzanne Langer. No campo da linguagem visual, as críticas dos neoconcretos à produção concreta assemelhavam-se às de Merleau-Ponty, no terreno filosófico, à Teoria da Gestalt. Uma luta entre a objetividade do Concretismo versus a subjetividade neoconcreta.

A trajetória de Maurício Nogueira Lima (Recife, 1930) requer, hoje, uma reavaliação. Foi um dos produtores do Concretismo paulista, ortodoxo até porque instaurador, dogmático até por disciplina, mas percebe-se mudança em suas características essenciais, algo no limiar entre a construção e a desconstrução à maneira de Jacques Derrida. Nota-se em sua obra um colorido distante das regras concretas, quando a cor não possuía autonomia por ser subjetiva. A cor, hoje, de Nogueira Lima se expressa em pinceladas sensuais em sua textura, oferecendo-se sutilezas cromáticas incompatíveis com o antigo regulamento concreto. A cor hoje se expressa e se liberta do autoritarismo formal, sem, contudo, perder o artista o rigor construtivo e a limpeza objetiva da construção. O código ampliou-se: a cor equilibra a forma; a emoção contida da cor sustenta o discurso semiótico com o espaço formal rigoroso, surgindo um novo artista nas texturas evanescentes das pinceladas sensíveis.

Falar de desconstrução é citar Jacques Derrida, cujas teses têm sido as sementes dominantes do pós-estruturalismo, nas duas últimas décadas.

Hoje o artista desconstrutivo faz interrogações às formas com estratégias análogas àquelas da Vanguarda Russa de há setenta anos atrás. Desconstruir é, pois, descobrir a imperfeita natureza da criação humana, de um Ser, que já não é pensado como fundamento e estabilidade de estruturas eternas, como propõe Martin Heidegger. O cerne da valoração fundamentada na estrutura é hoje transcendental, empurrando o homem para um mundo cada vez mais intangível, pelo menos quanto à realidade. Aquilo que Jean François Lyotard já nos antecipara como "a cultura do imaterial". Desconstrução está longe da ideia de destruição. A análise desconstrutiva faz com que uma forma se produza novamente a partir dela própria e se reproduza em uma nova criação. Marcel Duchamp declarou na década de 60: "Meus trabalhos se baseiam em um desejo de romper as formas, de decompô-las". O processo de Maurício Nogueira Lima se apresenta nesse limiar: ao

construir, desconstrói filosoficamente, teoricamente, inconscientemente. E as cores em novas nuances, sensoriais e sensitivas, buscam desconstruir os novos espaços, em busca de maior criatividade formal. É a subjetividade a desconstruir a forma objetiva construtiva, nesse pêndulo poético Construção/Desconstrução.

